

RESENHAS

VIEIRA, Suzane de Alencar. Entre risos e perigos: artes da resistência e ecologia quilombola no Alto Sertão da Bahia. Rio de Janeiro: 7Letras, 2023. 380 p.

Júlia Cotta Lima de Oliveira

Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia (PPGA-UFBA). Especialista em Desenvolvimento de Territórios (PUC Minas). Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade de Minas Gerais (ICS - PUC Minas).

Email: juliacottalima@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7888-3610>

O livro *Entre risos e perigos: artes da resistência e ecologia quilombola no Alto Sertão da Bahia*, conforme a autora, a antropóloga Suzane de Alencar Vieira, é uma “teoria etnográfica da resistência”, imprescindível para compreender, a partir da perspectiva das comunidades quilombolas, o cenário contemporâneo de conflitos ambientais que vivenciam em seus territórios.

Com uma vivacidade reflexiva, articula filosofia, antropologia da ciência e da tecnologia e etnografia com a ecologia política quilombola da Malhada. Além disso demonstra profunda reflexão do encontro etnográfico, que permitiu transformar as categorias locais em explicativas.

Esse movimento é demonstrado através da categorização das “sete artes de resistência” da Comunidade Quilombola de Malhada, que são abordadas em cada capítulo do livro, algumas,

como títulos. A antropóloga utiliza dessa alteridade de conceitos e sentidos que a sociedade da Malhada elabora para defender sua existência e criar a vida, e procura entender quais ensinamentos a antropologia pode tirar disso.

A Comunidade Quilombola de Malhada está localizada no município de Caetité, na Serra do Espinhaço, na região do Alto Sertão da Bahia. Ao longo de décadas vem sofrendo com a escassez de água; a expulsão de famílias do território; a contaminação radioativa dos rios, poços, quintais, casas e do ar; e com a incidência de casos de leucemia, câncer de pulmão e gastrointestinal. Esses “rastros de perigos”, segundo as/os quilombolas da Malhada, são consequências da implantação da Indústria Nuclear do Brasil (INB) - “Urana”, como denomina a Comunidade - e de empresas do setor de mineração, energético e eólicos.

Segundo Vieira, a partir do humor a Comunidade Quilombola de Malhada elabora uma forma própria de contar sobre essas condições em que vivem. Por meio da criatividade política quilombola em articulação ecológica diferencial, construída por intermédio de diversos agenciamentos entre humanos e não humanos, a comunidade compõe uma resistência cotidiana diante dos empreendimentos que buscam de diversas maneiras se apropriar das terras da comunidade.

Do ponto de vista teórico, a autora relaciona a articulação ecológica da comunidade aos três registros Ecológicos de Guattari (1990) “[...] como uma formação subjetiva, uma formação social pautada no humor e uma ética ambiental ancorada nas práticas de cuidado” (p.25). Ela se baseia também no conceito de resistência de Deleuze (1992, 1996), que o relaciona ao plano das artes como uma criação. Por meio da equivocação (Viveiros de Castro, 2004), articula as artes da comunidade quilombola com a arte da antropologia “[...] entendida como uma arte da equivocação controlada.” (p.26).

Enfim, objetivando tornar a pesquisa simétrica, a antropóloga se vale da categoria de cosmopolítica como um modo de lidar com a forma de fazer a vida - e a luta - das comunidades quilombolas e “[...] como meio para levar a sério as objeções dos quilombolas, dos actantes e das entidades com que eles lidam.” (p. 344), elementos que são desqualificados pela política e pela ciência.

No capítulo 1 denominado *Arte da Parentagem*, a etnografia nos transporta para o cotidiano da Comunidade Quilombola de Malhada. Evidencia-se a categoria de “parentagem”, que se realiza por meio de “tocar a parenteza”, que são agenciadas pelas brincadeiras, pelo humor e pela benção. Através dessa prática, as relações de sociabilidade e de criação da vida são atualizadas na construção de uma rede extensa, intrincada e aberta de parentesco. A autora se apoia em Wagner (1977) e Strathern (1996, 2006) para trabalhar o parentesco analógico, “[...] ao considerar a terminologia, a forma de tratamento, e o modo de relação em um mesmo conjunto conceitual.” (p. 37).

O humor (Deleuze, 2007; Stengers, 2002), no capítulo 2, aparece como arma política dos quilombolas nos enfrentamentos discursivos com os agentes dos empreendimentos, que tentam impor o discurso da ciência e das políticas de desenvolvimento diante das narrativas da comunidade. *A arte da pirraça* (junto a outras categorias como “a vontade”, “responzar”, “tirar do certo”) dá continuidade às relações jocosas e ao uso do humor no jogo agonístico de rivalidade/hostilidade e amizade.

A Arte da Proteção, capítulo 3, desvenda as práticas mágicas-religiosas que são mobilizadas pelo grupo para se proteger dos perigos do “mal visível ou invisível”. Se destaca a divisão de papéis de curandeiros e benzedeiros e a capacidade de cada um realizar práticas divinatórias, preces, amuletos,

gestos, combinações farmacológicas e rezas para afastar “porcarias” (feitiços), “sombras”, “venenos”. Também a prática de adivinhação que diferentemente dos capítulos um e dois, aqui não se relaciona com “brincadeiras” e “perguntas”, mas com as precauções divinatórias que os quilombolas fazem para se defender dos perigos, como a “Urana” “[...] e seu rastro contaminante e seus dispositivos de controle.” (p. 195)

Descrita no capítulo 4, *A arte de romper* designa a capacidade quilombola de ir aprendendo e “saber contar” o que se viveu. Essa arte se relaciona aos chamados “sampauleiros”, entendido aqui como os quilombolas que vão trabalhar em empreendimentos de monocultura, fora do território, principalmente no Estado de São Paulo, e que recontam suas vivências. Nessas experiências é preciso ir “rompendo” para continuar o movimento de criação da vida. Dessa sorte, se previne de ser controlado pelas novas formas contemporâneas de cativeiro, para assim continuar a caminhar e agir de acordo com a “vontade” e não perder as artes de resistência.

No capítulo 5, *A arte da treta*, Vieira explora a teoria política da Comunidade Quilombola de Malhada e seus profundos conhecimentos quanto ao contexto político ocidental, que se manifesta nas disputas eleitorais. A autora busca explorar neste capítulo o “tempo da política”, que suspende o “tempo do cotidiano” na comunidade. Nessa lógica se mobilizam diversas categorias, como “divisão” e “desaforo”, para analisar o jogo e a rivalidade política entre os dois grupos eleitorais: Jacus e Cocás.

A arte da treta descreve o modo como a política partidária é observada do ponto de vista das comunidades rurais” (p. 249). Para interpretar o pensamento e as “apostas” políticas realizadas pela comunidade, a autora faz uso da semiótica e das categorias de ação diferenciante e ação convencional de Wagner (1975).

A arte de criação, analisada no capítulo 6, reflete sobre os sentidos que a comunidade dá às categorias de “criar/criação” e “riqueza”. Explora as práticas da economia política criativa da comunidade da Malhada. Busca-se compreender o fluxo criativo que se realiza entre produção e distribuição e a multiplicidade de agenciamentos que o compõem. Ao descrever esse processo como um arranjo cosmopolítico contra o poder dominante, a antropóloga afirma que o mesmo desfaz acordos e consensos quanto às categorias do modo capitalista de produção, pois envolve uma composição humana com o fluxo da criação divina. Assim, ela demonstra que essa configuração quilombola é refratária à divisão política existente entre natureza x cultura, conforme destaque:

As intervenções cosmopolíticas quilombolas trazem consigo o potencial enunciado na proposta de Stengers (2005, 2001b, p. 380), de uma criatividade política modificada pelo cosmo que, segundo a autora, evoca uma “multiplicidade de outros”. Todos esses outros que não eram considerados na política são reabilitados, em um arranjo cosmopolítico, como vetores de criação e modificação da própria política. (Vieira, 2023, p. 344)

Por fim o capítulo 7, *A arte de assuntar*, é dedicado às reflexões quilombolas sobre as mudanças climáticas e ecológicas. Os/as quilombolas da Malhada acreditam que a Mudança de Era afeta a potencialidade de criação das pessoas, a cognição, a percepção e os afetos. Nessa conjugação envolve a “vontade” e a natureza das pessoas, aquilo que “[...] singulariza as pessoas e seus corpos a partir do que os afeta” e o “astro do tempo”, ou seja, aquele “[...] que está acima da terra, é “uma quentura, uma transformação” (p. 150). Cada uma dessas transformações é caracterizada como astro de chuva, astro quente ou astro frio. (p. 351). De acordo com as/os quilombolas da Malhada, “assuntar”, no limite, sobre o fim do mundo, é divagar sobre o tempo de Deus, do mistério, do

sobrenatural. Isso tudo envolve perigo, sendo necessário cautela, cuidado, “artifícios” e precaução.

A etnografia de Vieira vem dar um sopro de vida às reflexões sobre antropologia e desenvolvimento, conflitos e comunidades tradicionais, divisão ontológica entre natureza e cultura. Ao realizar uma antropologia simétrica, consegue demonstrar a potência da criatividade política e ecológica que a Comunidade Quilombola da Malhada articula para existir.

O livro demonstra que a partir da cosmopolítica quilombola surgem formas insubordinadas de fazer política e proteger seus territórios, contrapondo as categorias cognoscíveis pelo Estado e pela Ciência. Sua originalidade está não somente em realizar uma clássica etnografia a partir de diversas dimensões do grupo, mas em propor um caminho para uma etnografia que, por meio da alteridade, trabalhe as diferenças.

Blaser (2018) sugere demonstrar a coexistência de múltiplas formas de fazer mundos na modernidade para retirá-los da invisibilidade e de uma possível sobreposição de mundo comum. Dessa forma, contrapondo as políticas da natureza, legitimadas pela Ciência e Estado, à cosmopolítica dos risos e perigos da ecologia política da Comunidade Quilombola de Malhada, traduzida pela antropóloga, se aproxima da proposta de Stengers (2018) de construir uma arena política para diversos povos se posicionarem, tensionarem e construir mundos possíveis para as múltiplas alteridades.

Referências

BLASER, Mario. Uma outra cosmopolítica é possível? *Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 10, n. 2, p. 14-42, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007 [1969].

DELEUZE, Gilles. “R as in Resistance”. In: *Gilles Deleuze’s Antropologia Sem Fronteiras*, Salvador, v. 1, p. 1-7, e112409, 2024 <https://periodicos.ufba.br/index.php/rasf/index>

ABC, with Claire Parnet. Directed by Pierre-André Boutang, 1996.

GUATTARI, Félix; BITTENCOURT, Maria Cristina F.; ROLNIK, Suely. *As três ecologias*. Vol. 11. Campinas: Papius, 1990.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. *O que é uma filosofia*. Rio de Janeiro: Editora, v. 81-109, 1992.

STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Editora 34, 2002.

STENGERS, Isabelle. *Cosmopolitiques VII*. Paris: La Découverte, 2001 [1997].

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

STRATHERN, Marilyn. Cortando a rede. *Jornal do Royal Anthropological Institute*, p. 517-535, 1996.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectival anthropology and the method of controlled equivocation. *Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 2, n. 1, p. 1, 2004.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naif, 2010a [1975].

WAGNER, Roy. Parentesco analógico: um exemplo Daribi. *Etnólogo Americano*, v. 4, n. 4, p. 623-642, 1977.